

POVO ALGARVIO

SEMÁNARIO REGIONALISTA

Redactor Principal

MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração

Rua Guilherme Gomes Fernandes, 20—TAVIRA

Director, Editor e Proprietario

Dr. JAIME BENTO DA SILVA

ASSINATURAS

Série de 12 Números 5\$00

Composição e Impressão

Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

NÃO SE RESTITUEM ORIGINAIS QUER SEJAM OU NÃO PUBLICADOS

AVENÇA

O Corporativismo português

Publicou-se, há pouco tempo, uma bem documentada obra literária acerca do corporativismo italiano, a qual só incidentalmente nos serve para dizer, neste artigo, que tudo o que venha alargar a cultura corporativa é justamente bem-vindo, num meio em que pouco há, por enquanto, da referida cultura, até entre os que se dizem em dia com os problemas políticos e sociais do nosso tempo.

Entretanto, mal andariamos nós, se, do confronto doutrinário do nosso corporativismo com o corporativismo de outros povos, não soubéssemos tirar a conclusão que a nós se impõe, uma conclusão absolutamente favorável ao corporativismo português—a qual, se a não podemos querer para os outros, temos de querê-la para nós.

Se o corporativismo português se distingue de corporativismos estrangeiros, alguma razão há para isso—razão que, digamos já, não está propriamente no corporativismo, mas fora dele, ou seja—no Estado.

Divide-se o corporativismo em duas grandes correntes: o corporativismo de associação e o corporativismo de Estado.

Naquele, respeita-se a legítima liberdade individual, a iniciativa privada ou do indivíduo; e, portanto, se o Estado intervém na organização corporativa, é apenas para orientar superiormente os indivíduos, de modo que não lesem o interesse geral ou da Nação. Uma intervenção do Estado, que vá além destes limites, obedece apenas à necessidade de suprir a iniciativa individual, no caso da organização corporativa de sectores da actividade económica nacional muito importantes—único caso em que a intervenção do Estado se pode parecer com a da segunda corrente de corporativismo.

Digamos, de passagem, que esta intervenção do Estado, como entre nós aconteceu, e da qual os inimigos de todo o corporativismo ainda hoje abusam, para os seus fins,—não invalida o princípio fundamental em que assenta o corporativismo português, ou seja: o respeito do Estado Novo pela justa liberdade individual, consignado na Constituição e no Estatuto do Trabalho Nacional.

A falta de mentalidade corporativa, que não se forma de um dia para o outro; a necessidade de organizar corporativamente os grandes sectores da actividade económica nacional, e a importância destes—tudo isto constituía um conjunto de circunstâncias a imporem a intervenção do Estado Novo, além dos limites da mera orientação.

Na outra corrente do corporativismo, o seu próprio nome o diz: toda a organização corporativa é obra do Estado, desde a inspiração à execução—obra imposta pelo Estado, por princípio e na prática, a todos os indivíduos, como unidades absorvidas pelas engrenagens do Estado.

Como se vê, a diferença que há entre as duas correntes de corporativismo não reside neste, porque, em todo o corporativismo, o fundamental, ou aquilo que se chama a essência do corporativismo—é a *colaboração harmoniosa* entre capital ou técnica e trabalho, entre patrões e trabalhadores—colaboração tirada; como um corolário, das exigências da vida social.

Ora, esta colaboração, quer imposta pelo Estado, quer mais ou menos confiada à liberdade individual, não deixa de ter colaboração, ou seja aquilo que doutrinariamente distingue o corporativismo do liberalismo e de todos os sistemas que se fundam na guerra inata de classes, como se estas fôsem opostas umas às outras, por natureza.

Logo, se o corporativismo é essencialmente o mesmo em toda a parte, aquela diferença de que falámos está apenas no Estado, na sua ética, na sua filosofia.

Eis por onde o corporativismo português se não confunde com nenhum dos corporativismos estrangeiros,—porque o Estado Novo também se não confunde com nenhum dos Estados totalitários, embora estes enfaticamente digam travada só entre eles e as democracias a luta ideológica de hoje, como se, neste canto do Ocidente, não houvesse um Estado mais certo no combate às democracias, por isso que não perfilha os erros comuns a estas e ao totalitarismo! E, de facto, é assim: o despotismo individualista das democracias, transpuseram-no os Estados totalitários para o despotismo do Estado; o Estado Novo é a harmonia entre autoridade e liberdade; aquêles são a violência, respectivamente *de baixo e de cima*; este, o Estado Novo, é *pessoa de bem*.

Não nos esqueçamos de tão profunda diferença, ou da be-

UM HOMEM DE ACÇÃO

Não escondemos uma grande simpatia e admiração pelo ilustre Ministro das obras Públicas e Comunicações, e engenheiro Duarte Pacheco. E este nosso sincero aprêço, várias vezes patenteado, fundamenta-se numa das suas extraordinárias qualidades, merecedora, só por si, do mais rasgado elogio. É que o infatigável titular, entre os vários e zelosos colaboradores do chefe, representa eloquentemente um exemplo vivo de actividade, de método, de superior critério, de notáveis faculdades de trabalho. Em resumo: é o modelo pronto do *homem de acção*, sempre diligente, sempre pontual, de uma pontualidade até, por vezes, inconcebível, havendo em vista os seus múltiplos afazeres e a sua invencível vontade de *cumprir à risca*.

Temos seguido, passo a passo, a carreira pública do ilustre Ministro e podemos dizer afoitamente que nunca faltou a uma *chamada*. Não é homem de palavras, mas de factos, éle próprio o confessa. E a propósito da inauguração dos trabalhos da «Exposição do Mundo Português», que se realizou recentemente, o engenheiro Duarte Pacheco mais uma vez fixou a sua posição de incondicional e devotado trabalhador do Estado Novo, nas seguintes declarações:

«Não sou homem para discursos, direi apenas duas palavras:—Para honra de Salazar e para honra de todos os portugueses, há-de fazer-se o que Salazar anunciou, trabalhando com fé e vontade para triunfar das dificuldades que se nos apresentam.

A projecção dos grandes trabalhos anunciados, não só é visível em Portugal, estende-se a todo o mundo, vai tentar-se fazer tudo e tudo se fará.»

Como se sabe, muitos desses grandes trabalhos de vulto, dependem essencialmente do Ministério das Obras Públicas e Comunicações; e apesar de o tempo ser já escasso, estamos certos de que tudo se resolverá por forma concreta e brilhante, pois a exiguidade do tempo pode ser e haverá de ser vencida por aquela *fé e vontade* inquebrantáveis de que fala o Sr. Engenheiro Duarte Pacheco. E' com homens desta tempera e com espíritos assim norteados pelo cumprimento do dever, que a vitória definitiva cada vez nos sorri mais de perto e que todos os belos pensamentos do Chefe conseguem frutificar em generosas e heroicas realizações.

Z. de M.

Este número foi visado pela Delegação de Censura.

la doutrina filosófica e moral que informa o Estado Novo, para não deminuímos a beleza moral do corporativismo português.

A. da F.

ECOS DO PASSADO

Sociedade Agrícola do Algarve

Entre os meus papeis existe há muito tempo meia folha impressa, que passo a copiar:

Acta da instalação da *Sociedade Agrícola do Algarve*.

«Aos 24 dias do mês de Dezembro de 1848, n'esta cidade de Faro, e Sala do Governo Civil, sendo presentes o Excelentíssimo Conselheiro Governador Civil, António Maria Couceiro, e os principaes Proprietarios, e outras pessoas distintas da mesma Cidade, os Cidadãos F. F., —(o leitor dispensa-me, não é verdade?, de citar 36 nomes de pessoas presentes à reunião)—, faltando algumas das pessoas convidadas, por motivos atendíveis, que comunicaram; e assim reunida a assembleia, declarou o Governador Civil o fim do seu convite dizendo «Senhores! Agradeço a Vossas Senhorias a bondade com que anuíram o meu convite; e tem este por fim o tratarmos da criação d'uma Sociedade Agrícola do Algarve, n'esta parte tão mimosa do rico solo português:—grande aumento tem tido a agricultura d'esta Província n'estes ultimos 16 anos, mas é forçoso confessar que ainda ha muito a fazer de novo, e que os métodos hoje empregados estão longe do aperfeiçoamento que se requer, e com que em outras provincias se tiram grandes resultados; há contudo excepções, porque muitos Proprietarios assás ilustrados, e que estão presentes, fabricam as suas propriedades com desvelos e intelligencia; todavia pelo que eu tenho visto e pelas informações officias e particulares que tenho colhido, é indubitável que a agricultura no Algarve carece de muitos melhoramentos; e para não cançar a atenção de Vossas Senhorias, apontarei, por exemplo, o abandono em que geralmente se tem os Oliveaes, a incuria com que se colhe azeitona e fabrica o azeite—o pouco acerto com que se tratam as Vinhas e se faz o vinho—o nenhum cuidado em preparar estrumes e adubar convenientemente as terras, e o mal que estas são lavradas, resultando de tudo isto má produção, diminuta colheita, e a impossibilidade de exportar alguns productos de grande valor, como o vinho e o azeite:—E' certo que temos outros productos especiaes como o Figo, a Amendoa e Alfarroba, mas estes mesmos merecem particular atenção para que não venham a perder de todo o valor nos mercados estrangeiros; a respeito do Figo ofereci eu já a consideração dos Proprietarios do Algarve um Projecto de Companhia, simplesmente apresentado como tema para se discutir sobre tão importante assunto, e sem que eu tenha a presunção de o julgar perfeito; Vossas Senhorias o emendarão.

Mas que a agricultura do Algarve precisa de melhoramentos, é consideração que está no animo de todos, dirão Vossas Senhorias, e que todos desejam afastar os estorvos que se opoem ao desenvolvimento da riqueza

natural d'esta Província, mas falta um meio positivo e determinado para realizar tal pensamento... este meio entendo eu, se achará na organização d'uma Sociedade Agrícola, que tendo seu princípio na reunião presente, se dirija aos proprietarios dos diversos pontos do Algarve e os convide a formarem nos seus respectivos Concelhos uma Secção d'esta Sociedade Geral d'Agricultura do Algarve, assim colhendo informações dos erros e abusos que existem, poderão de comum accordo assentar nos meios de os remediar, propondo as medidas que couberem nas atribuições do Cargo que exerceo, e aquelas que precisarem da resolução superior;—dando cada um dos socios o exemplo e lição pratica com a melhor e mais apurada cultura das suas propriedades, e fabrico dos seus productos, usando de instrumentos agricolas perfeitos e acomodados aos diferentes trabalhos, e de maquinas e utensilios novos e proprios para os lagares e mais officinas ruraes;—estabelecendo um Banco rural, e finalmente compilando e fazendo circular pelos povos livros manuaes d'agricultura, escritos em termos vulgares, para serem entendidos pelos rusticos, cuja ignorância e aferro a usos e métodos antigos e defeituosos, muito concorre para o atraso da agricultura:—estes meios e outros que a sabedoria de Vossas Senhorias lhes ditar são, emquanto a mim, muito eficazes e estão ao alcance da Sociedade, nas memorias da Academia Real das Ciências, nos escritos do Deputado às Côrtes João Baptista da Silva Lopes, e nas Pastoraes, ordens e mais actos do Benemerito Bispo do Algarve D. Francisco Gomes, achará a Sociedade grande auxilio;—na Augusta Pessoa de Sua Magestade A Rainha e de El-Rei Seu Excelso Esposo—(D. Maria II e D. Fernando)—, encontrará toda a protecção e favor;—no Governo, e em todas as autoridades o mais decidido apoio... que falta pois?—boa vontade e diligencia... estas qualidades encontro eu no patriotismo e illustração de Vossas Senhorias, que não se recusarão a prestar mais este serviço à sua Patria, dando princípio à Sociedade Agrícola do Algarve.»

O que sendo ouvido pela assembleia manifestou esta unanimemente a sua aprovação, e se constituiu logo em Sociedade Agrícola do Algarve, procedendo em seguida à eleição por escrutinio de uma Comissão de quatro membros, presidida pelo Governador Civil, para confeccionar um projecto de Estatutos, e mais trabalhos preparatorios, e saíram eleitos os Cidadãos F... F..., e achando-se por este modo instalada a Sociedade Agrícola do Algarve, e não havendo mais a tratar n'esta sessão o mesmo Governador Civil a fechou, mandando la-

A História de uma desilusão

Quando a resistência vermelha na Catalunha se desfez, como um castelo de cartas, os aviadores marxistas receberam ordem de partir, com os respectivos aparelhos, para «sua» base de Carcassone, em França... Foram... Simplesmente, como muitos deles não possuíam conhecimentos suficientes de navegação aérea, as esquadilhas catalãs pousaram em França onde calhou: em Perpignan, em Istres, em Carcassone, em Toulouse, em Pau, Lésignan, e até em plena campina.

Foi assim que chegou a Toulouse um tenente todo triques, de nacionalidade francesa, que começou a tratar com a maior desenvoltura o pessoal do campo—a ponto de ter atraído a atenção dos dirigentes para a sua pessoa. E daí resultou a sua «transferência urgente» para uma prisão militar, por terem verificado que ele era um antigo mecânico que desertara há dois anos...

A esta hora o nosso homem deve pensar, na sua cela, que ainda falta muito para a «emancipação» geral e total dos povos!

Teatro Popular

Apresenta mais uma vez Danielle Darrieux no interessante filme que hoje se exhibe com o título de *Uma Francezinha em Nova York*, comédia em 9 partes que se manteve durante duas semanas em dois cinemas de Lisboa: Odeon e Palacio onde obteve grande sucesso.

Danielle Darrieux a inolvidável protagonista que temos admirado em tantos filmes, brilha, como sempre, nesta maravilhosa produção perfeitamente adequada aos meritos da sua apreciada personalidade.

Douglas Fairbanks Junior contracená de forma elogiosa com a grande e consagrada interprete.

Mischa Auer, comico de valor também concorre com a sua apreciável actuação para *Uma Francezinha em Nova York* resultar uma admirável comédia.

Todo o bom nacionalista deve assinar o jornal «Povo Algarvio».

urar a presente acta, que assinou, etc.»

Lendo esta acta, vê-se que o Governador Civil apresentou aos proprietários do Algarve um projecto da companhia sobre a produção e exportação do Figo, anterior á instalação da *Sociedade Agricola do Algarve*.

Ora, na imensidade de elementos por mim colecionados acerca do Algarve, e em especial a respeito de Tavira, jamais encontrei referencias, por leves que sejam, excepto a acta citada, a taes assuntos, de onde deve concluir-se que as louváveis intenções d'aquelle Governador Civil, junto das entidades interessadas—os produtores algarvios—, não passaram de conversa, o que é muito para lamentar, triste é dizê-lo.

Até prova em contrario, e creio não ser facil apresentá-la, dedus-se que aquella utilissima iniciativa deu em resultado, triste resultado!, gastar-se muito tempo em palavreado vão e estéril e nada de se pôr em prática tão uteis iniciativas, que, bem encaminhadas, como foram, teriam dado optimos resultados á lavoura do Algarve, como seria de esperar.

Mas tudo se reuniu em palavras...

Lisboa, Março de 1939.

Damião de Vasconcelos

Cartas à minha Província

II

Nostalgia da terra natal

Minha querida Amiga,

Como vê, não falei ao prometido. Cá estou de novo a dar-lhe notícias. Voltamos aos bons tempos em que, quasi todas as semanas conversavamos um pouco através dos jornais amigos, em confidencias e desabafos, em manifestações de entusiasmo e de tristeza, em criticas ao que julgávamos merecê-las e congratulações pela realização do que julgávamos belo e justo. E eu era feliz nessa nossa convivência, e julgo sem vaidade que a minha boa Amiga também um pouco, pois através das minhas confidencias, literariamente desajeitadas mas sempre sinceras e leais, se ficava a par de muitas coisas que estou certo, em nada a interessavam, também ia sabendo algumas coisas que gostaria de saber, de conhecer melhor, de conhecer completamente. E, sabe?, a última carta que escrevi, a minha carta de «Regresso», fez-me bem; sinto-me melhor, sinto-me outro nesta nossa convivência reatada, sinto-me como antigamente feliz por lhe falar assim com frequência sabendo que me escuta com lealdade, que me julga sempre com justiça e me compreende bem nos meus sonhos e nas minhas certezas, nas minhas alegrias e nos meus desânimos, nas minhas vitórias e até nos meus possíveis erros. E' que a saudade da minha velha Amiga já anda às voltas commigo e, não lho esconderei, a nostalgia da sua beleza e dos seus encantos e a sede da sua justiça invadem-me de quando em quando, numa obsecação que me domina por completo durante semanas e até meses seguidos e quasi me aniquila.

Como eu gostava, minha querida amiga, de voltar para junto de si, de voltar ao seu seio, na paz seliz da minha familia crescendo, alegre e saudavel, á luz do seu sol maravilhoso e no encanto da sua paisagem sem igual, embalada pela eterna e feiteiceira canção do seu mar de sonho! Como eu gostava de voltar, ainda que para ser aí mais pequeno e humilde e ignorado do que sou nesta babilónica cidade onde o Destino me trouxe, mesmo que o meu pobre lar cristão fosse mais pobre ainda, mas vivesse sem esta saudade que o acorrenta de continuo á terra onde Deus o abençoou! E como, por isso mesmo, eu não compreendo, não posso de forma alguma compreender esses que, sendo igualmente seus filhos, tendo igualmente nascido no seu seio e nele se tendo também feito homens, não sentem por si esta saudade que me enche a alma e a dos meus, não são como eu seus amigos e admiradores e tão nostálgicos das suas belezas dos seus encantos e do seu valor como orgulhosos delas!; porque, minha boa Amiga, como decerto não ignora totalmente, entre os seus filhos os, tantos que residem junto de si, como os dispersos por esse país fora e sobretudo os que se fixaram em Lisboa, há muitos que a esqueceram já, bastantes que fingem ignorá-la, alguns que, mesmo, a menosprezam por actos e palavras até em público e quasi sempre vangloriando-se dessas atitudes de renegados!

Não há, para a minha sensibilidade, espectáculo mais triste do que o oferecido por quem renega a sua terra, seja ela grande ou pequena, progressiva ou retrógrada, de gente boa ou má; renegar a terra onde se nasceu, a pequena e humilde aldeia ou a grande e faustosa cidade onde se nos abrimos os olhos para a luz do dia e nos desabrochou o entendimento para as coisas do mundo e o coração para os mais belos sentimentos e afectos, é renegar os fundamentos mais sólidos da vida moral e da vida social. Sobretudo quando os que renegam a sua terra natal se apregoam aos quatro ventos nacionalistas e nacionalistas portugueses, o espectáculo oferecido ainda é, para mim, mais triste; porque eu não compreendo, não posso compreender—e não apenas hoje mas desde sempre—um nacionalismo português que não tenha por base o amor da familia e o amor da terra natal, que são os pródromos do amor da Pátria. Só quem bem ama a sua familia e a sua terra e a sua provincia, poderá bem e conscientemente amar a sua nação, que é formada por aquelas; só quem bem sabe defender e fazer feliz a sua familia, a sua terra e a sua provincia, sem atropelar as familias dos outros, nem as suas terras, nem as suas provincias, é que saberá bem defender e fazer feliz a sua Pátria. E, no entanto, minha boa Amiga, muitos daqueles seus filhos que por aqui e por aí mais frequentemente a renegam e põem abaixo dos seus interesses pessoais e das suas vaidades nem sempre legitimas, muitos daqueles que a desprezam sem mesmo esconderem esse desprezo para mim e decerto para si incompreensível e até immoral e por vezes ingrato, dizem-se constantemente nacionalistas fervorosos, patriotas capazes dos maiores sacrificios e heroicidades...!

Tem a minha boa Amiga algumas imperfeições, dificuldades, oferece contratempos aos seus filhos? Mas quem as não tem hoje? Isso não é motivo para que eles a reneguem, a desprezem, a finjam ignorar! Pelo contrario, só é motivo para que a acarinhem, a tratem com amor e dedicação, a auxiliem por todos os meios ao seu alcance a corrigir essas imperfeições, que aliás são infinitamente menores do que as suas grandes e reais qualidades, a suprir essas dificuldades na maioria de momento, a impedir esses contratempos; só é motivo para que a amem mais e mais se lhe dediquem e mais por si trabalhem com desinteresse e lealdade, para fazê-la feliz para ajudá-la a desempenhar o seu papel no concerto nacional pela forma brilhante a que tem jus, por forma a que mais nos orgulhe a nós todos. Pela minha parte, querida Amiga, tudo isso que alguns possam apontar como motivos para a sua falta de interesse e dedicação, só me serve de estímulo para continuar a amá-la, a considerá-la e a dar-lhe tudo o que está ao alcance das minhas possibilidades; só serve para aumentar a minha saudade sem fim e agravar esta nostalgia, que me domina, do seu convívio, das suas belezas, dos seus encantos e do seu valor, a-pesar-de tudo, incontestável.

E' agora que esta carta já vai bastante longa, que me recordo haver-lhe prometido falar-lhe hoje da história triste da «Casa do Algarve em Lisboa». Perdoi, e ficará ainda para outra vez. Aliás, o meu desabafo de hoje pode bem servir de prólogo a tudo quanto desejo e é de meu dever contar-lhe á-cerca-do nosso infeliz grémio na capital; o desinteresse de muitos dos seus filhos, minha querida Amiga, a incompreensão de bastantes e o egoismo de outros, não tiveram poucas culpas no seu trágico destino.

Creia-me sempre como o muito dedicado.

Antero Nobre

Lisboa, Março, 4.

Assina o «Povo Algarvio»

PELA CIDADE

CINZAS DO PASSADO

Tavira há 76 anos

VARIAS NOTICIAS

Quando é que se vendeu a carne n'esta cidade a 80 reis e a tostão cada arratel?

A Corvina a 60 reis o arratel ou 1/2 kilo e dias há em que a sardinha grande se tem vendido a 200 e a 240 reis cada cento!

O Atum, a 20 reis cada 1/2 kilo que, para Tavira, é caro. O azeite está a 240 reis a 280 e a 300 cada canada o que é caríssimo para quem não tem dinheiro para o comprar.

Os ceifeiros tem passado para Espanha em numero de 800 porque o Algarve não tem que fazer.

Deus nos acuda.

Do jornal que se publicava em Lisboa «O Algarviense», de 16 de Julho de 1863.

Necrologia

No dia 9 do corrente, faleceu nesta cidade com a idade de 76 anos, a sr.^a D. Monica Maria d'Abreu Chagas, natural de Lisboa, viuva do Coronel Antonio Fernando do Rego Chagas.

A extinta era Mãe das sr.^{as} D. Maria Candida d'Abreu Chagas e D. Maria Carlota d'Abreu Chagas Fonseca e do Dr. Frederico Antonio d'Abreu Chagas e sogra da sr.^a D. Maria Laura Gomes Chagas e do Dr. Joaquim Albano da Fonseca.

A' familia enlutada o «Povo Algarvio», envia as sentidas condolencias.

Farmácia de Serviço

Encontra-se de serviço urgente durante esta semana a Farmacia ABOIM.

ANUNCIO

Faço saber que no dia 12 do proximo mês de Março, por 12 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, se ha-de arrematar, em segunda praça, quem maior lanço oferecer acima de metade do valor da respectiva avaliação, os seguintes direitos:—PRIMEIRO—O direito á metade em um quinhão de terra de semear denominado «Cerca da Oliveirinha», quinhão este que se acha demarcado, situado nos arredores do Monte da Casa Nova das Cortelhas, freguesia de Cachopo, desta comarca, avaliado em trescentos escudos. SEGUNDO—O direito á sexta parte em uma cerca no sitio do Monte do Lobo, freguesia de Cachopo, desta Comarca, denominada «Cerca do Poço», avaliada em quatrocentos escudos. Estes direitos são arrematados nos autos de execução por custas e selos que o Ministério Publico move contra Manuel Joaquim, menor, representado por seu pai Joaquim Inácio, solteiro trabalhador, residente no Vale de João Farto, freguesia de Cachopo.

A primeira praça teve lugar em vinte e seis do corrente.

Tavira, 27 de Fevereiro de 1939.

O Chefe da 3.^a Secção Int.^o

José Mateus Mendes

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

João de Deus Pereira

O «Povo Algarvio»
Vende-se, em Tavira,
na Tabacaria Santos,

Orfeão—São avisados por este meio todos os orfeonistas de que os ensaios do orfeão, na Sociedade Orfeónica de Amadores de Musica e Teatro realizar-se-ão na presente semana na terça, quinta e sabado para todos os naipes.

Revista «Ponto e Virgula»—Os ensaios da Revista Ponto e Virgula, começam na próxima 2.^a feira ás 21 horas no Teatro Popular pelo que ficam desde já avisados todos os componentes.

Semana Santa—Já começou o pedatório para as solenidades da Semana Santa. E' de crer que os católicos da cidade prestem o seu incontestável auxilio.

S. José—No proximo domingo, dia 19, realiza-se na Igreja de de S. José, pertencente á Santa Casa da Misericórdia, a tradicional festa a S. José promovida por aquela entidade. Nesse dia será distribuido um bôdo aos pobres pela comissão de Senhoras Protectoras do Hospital. Como de costume, também, o Hospital estará aberto ao publico.

Santa Casa da Misericórdia de Tavira

Resenha dos donativos recebidos durante o mês de Fevereiro

Joaquim Lopes, agulheiro, 17⁵⁰; Francisco Maria, 200⁰⁰;

Rectificando

A lista de donativos desta Santa Casa da Misericórdia de Tavira, publicada no n.^o 248 do nosso jornal de 26 de Fevereiro, vem alterado, pelo que a rectificamos, pedindo desculpa aos beneméritos atingidos.

D. Adelina Pacheco, 50⁰⁰; 10 litros de azeite, 20 litros de grão; Eduardo Pinto J.^o, 10 litros de azeite, 40 litros de milho, 40 litros de grão e 2 francos.

Excursão ao Porto

A excursão que a Empreza Viação Algarve, de Faro, promove ao Porto e que estava marcada para 14, foi alterada para 21, mantendo-se o itinerário da anterior.

O «Canto do Cisne»

O «canto do cisne» da selva-jaria vermelha na Catalunha deve ter sido o seu brilhante feito em Lens, pequena vila situada próximo da fronteira, na região de Puigcerda.

Nessa povoação havia um depósito de munições. Ao retirarem, os milicianos resolveram fazê-lo ir pelos ares. E assim foi: foi pelos ares o paiol e toda a povoação. E, como «se esqueceram» de avisar previamente os habitantes da vila, toda essa pobre gente pereceu entre os escombros da sua terra.

Esta «façanha» foi, assim, o digno remate de toda a série de crimes e atrocidades cometidos pelo comunismo na terra Catalã.

Armazem

Arrenda-se de cimento armado com 9x7 com varanda e quintal proprio para qualquer ramo de comercio situado no centro de Amaro Gonçalves.

Tratar com Francisco Pacheco de Mendonça.

O Duplo Centenário

Que será o Cortejo do Mundo — Português —

Um dos números de maior beleza e imponência das comemorações centenárias será, certamente, o Cortejo do Mundo Português, a realizar em Lisboa em 1940 e que constituirá, por assim dizer, a apoteose da Exposição e do Congresso do mesmo nome.

Portugal e, com ele, os milhares de estrangeiros que nessa altura, sem dúvida, nos visitarão, assistirão ao desfile grandioso e impressionante, representativo não só de oito séculos de existência mas ainda das aspirações dum povo que possui um dos maiores impérios do mundo. Será como um grande livro de História, preciosamente iluminado, cujas figuras se animassem para perpassar, ante os olhos deslumbrados das multidões, evocando as grandes épocas do nosso passado triunfal e as realizações do Portugal de hoje, e prevendo um amanhã de glória.

O cortejo, organizado pelo sr. capitão Henrique Galvão, compreenderá assim três grandes troços, divididos em secções e correspondendo às três grandes épocas: o Passado, o Presente e o Futuro.

Será anunciado ao público por um grupo de cavaleiros dos tempos afonsinos.

Após este prelúdio, desfilarão as grandes épocas do Passado: Fundação, a Consolidação da Independência, as Descobertas e Conquistas, a Colonização, o Século XVIII e a Ocupação Militar das colónias no fim do século XIX. Seis secções, a cada uma das quais corresponderá uma representação brilhantíssima, num total de mais de mil figurantes. Na primeira época, veremos passar o Fundador, com o seu séquito de freires do Templo, de Santiago e do Hospital e várias formações militares de cavaleiros, bésteiros e outros homens de armas, de cotas de malha cascos, escudos e espadas cingidas, seguidos de um engenho de guerra, a manta.

A Consolidação será simbolizada pela Ala dos Namorados. Ladeado pelos infantes da «in-clita geração» e seguido de centenas de figurantes, passará também D. João I. Ainda se recordará a hora de Valverde e Aljubarrota e já ao longe se divisará, entre o oceano da multidão, um grande carro alegórico do período das Descobertas e Conquistas. E virá depois um apontamento da faustosa embaixada de Tristão da Cunha ao Papa, dessa enviatura cuja pompa já mais excedida fez abrir à Europa a boca de espanto. E nem faltarão, na reconstrução, o elefante coberto de veludos, o gineete árabe com o moiro e a pantera domesticada sobre o cavalo persa. Em chusma, os navegadores e os descobridores, os discípulos da terça de Sagres, os homens que descobriram o Mar e o Mundo.

O quarto capítulo—a Colonização—será constituído por um carro alegórico em que a Fé e o Império, os evangelizadores e os comerciantes, estarão representados em simbolização eloquente.

Seguir-se-á a reconstrução da embaixada do rei D. João V. ao Papa Clemente XI, em representação do século XVIII.

E, a terminar o trço do Passado, um desfile de tropas coloniais, brancas e indígenas, de Angola, Moçambique e Guiné. E a ocupação militar dos fins do século XIX.

Um grande carro, consagrado ao Portugal continental, abrirá a segunda parte do cortejo, relativa ao Presente. E seguiu-lo os trajes mais puros da etnografia metropolitana, os círios mais característicos, numa alegoria do povo português. Depois do Portugal-Metropole, o Portugal-Império, representado por novo

carro e por numerosa figuração das oito províncias ultramarinas. Desfilarão indígenas, com os transportes, os produtos e elementos da fauna das respectivas regiões. Não será exagero afirmar que se apresentará nessa altura, em Lisboa, a melhor colecção etnográfica vinda até então à Europa.

Finalmente e como apoteose desta apoteose, o trço do Futuro: a «Mocidade Portuguesa», a mais bela garantia da eterna mocidade de Portugal.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira

Quando, em Portugal, alguém, num esforço enorme (e quantas vezes sem compensação material!) empreende obra grande, vasta, digna, muito mais são os sorrisos de descrença do que as ajudas desinteressadas. Esses descrentes, derrotistas, não podem cantar vitória quanto à «Grande E. Portuguesa e Brasileira» pois que esta vai, dia a dia, afirmando mais sólidamente a sua vitalidade pois que, com o seu 48.º fascículo, agora publicado, fica completo o seu quarto volume, um volume magnífico de 1056 páginas, nada menos, com uma infinidade de belas gravuras no texto e dezenas de estampas de arte e documentais em separado. De resto o fascículo agora aparecido, só por si, é também digno de todos os encómios.

Como sempre, o sumário apresentado é notável; nomes como os Profs. João de Vasconcelos, Mendes Correia, Luiz de Pina, Eduardo Coelho, Baraona Fernandes, nomes ilustres como o Dr. Manuel Monteiro, Dr. Carlos de Passos, Dr. Santos Junior, Dr. João Barreira, Tomás da Fonseca, Severo Portela, Castelo Branco Chaves, Dr. António Sérgio, Coronel Américo de Bivar, Comandante Correia Pereira, Guimarães Duapães, Eng.º Miguel de Paiva, Dr. Afonso Zúquete, João de Sousa Fonseca, Salvador Saboia, Dr. António Barradas, Dr. Dias Amado, etc. Teem artigos meritíssimos na ampla secção de dicionário que vai de *Botriquideos* a *Bragança* (apelido), entre ela se destacando os artigos que dizem respeito a *Braga*, *Bragança*, *Botânica*, *Botário*, *Botelhos*, *Bótos*, *Botocudos*, *Botulismo*, *Bouba*, *Bourbons*, *Braamcamps*, *Braça*, *Braço*, *Rito Brancarense*, *Bracelete*, *Bradicárdia*, *Bradifrénia*, etc. A estampa em separado que acompanha o fascículo é também soberba, reproduzindo a quatro cores as bandeiras dos principais países do mundo numa apresentação de grande novidade e bom gosto. O fascículo consta de 96 soberbas páginas.

Com o volume 4.º lançam os editores no mercado as respectivas capas, luxuosas, fortes e económicas a um tempo e, facto feliz a assinalar, com este 48.º fascículo concedem um *bónus* que se traduz num excelente brinde cultural aos seus possuidores. Também continuam os prestimosos editores da obra a facilitar a aquisição dos 4 volumes já publicados por pagamentos suaves, isto é, recebendo-os completo e por uma vez, contra um pequeníssimo desembolso mensal. Assim, os que, de início, não se inscreveram como assinantes, podem pôr-se agora em dia e, no futuro, aproveitar então os vantagens excepcionais da tabela de assinaturas.

A espionagem nas fábricas soviéticas

Há agora, em tôdas as fábricas soviéticas, «vigilantes secretos» que, como do nome facilmente se deduz, têm por fim espionar os camaradas que não trabalhem ou que trabalhem mal. Esta medida, adoptada pelo Commissariado para a Indústria, foi justificada pelo facto de os comités das fábricas, compostos apenas por elementos comunistas, permitirem aos membros do partido viverem de mãos nas algibeiras, enquanto o trabalho era executado pelos restantes «camaradas». Excelente organização do trabalho, não há dúvida!

Não demorará muito que nos não chegue a notícia da nomeação dum novo comité de vigilância para vigiar estes vigilantes...

Leite de vaca

Puro vende-se na Horta das Canas—TAVIRA.

Noticias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje—O sr. Eduardo Sancho Correia.

Em 14—Os srs. Dr. José Francisco Teixeira d'Azevedo e Coronel João Antonio Correia dos Santos.

Em 16—D. Maria Tereza da Silva Pires Faleiro Ramos e o sr. General José Inácio de Mello Pereira de Vasconcelos.

Em 17—D. Maria Auta Costa Cruz.

Em 18—Os srs. Dr. João Carlos Maldonado Antunes Centeno, Joaquim Gil Madeira Teixeira e Leonildo Lopes Rodrigues.

Partidas e Chegadas

Esteve nesta cidade o sr. Coronel João Correia dos Santos, nosso ilustre conterrâneo e colaborador.

—Também vimos em Tavira o sr. Capitão Heitor Patricio, Comandante da G. N. R. de Faro e Delegado Regional da M. P. no Algarve.

—Acompanhado de sua sobrinha, Mle. Maria Fernanda Gomes Chagas e de sua esposa sr.ª D. Maria Carlota d'Abreu Chagas Fonseca, encontra-se nesta cidade o sr. Dr. Joaquim Albano da Fonseca.

—Partiu para a Capital a fim de se sujeitar a uma operação cirurgica, em companhia de sua mãe e irmãs, Mle. Maria José Carapeto.

—Foi ao Porto o comerciante da nossa praça sr. Manuel Pedro Cabrita, nosso conterrâneo.

—Esteve nesta cidade em visita a sua família o sr. Jacinto Conceição, funcionário da Policia Internacional em Lisboa.

Uma charada "Novíssima"...

A «Gazeta da Republica»—isto é, o órgão oficial do moscovitismo espanhol, que se publica em Valencia—dava à estampa, em 13 de Fevereiro, o decreto que transferia o «governo» vermelho para Madrid. Esse documento vinha assinado assim:

«Feito na Embaixada de Espanha em Paris, em 11 de Fevereiro de 1939.—(aa) Manuel Azaña. Juan Negrin».

Uma das duas:

Ou o decreto é falso, quer dizer, foi forjado por Negrin e nunca foi assinado por Azaña—e, nessa caso, constitue uma prova luminosa dos processos usados pelos chamados «governamentais»;

«Ou o decreto é verdadeiro, e então são perfeitamente legítimas as seguintes reflexões:

1.ª—Os dirigentes dos vermelhos não cumpriram promessa feita ao governo de Paris, ao procurarem refugio no território francês, de que se absteriam de todo e qualquer acto de governação enquanto permanecessem no mencionado território;

2.ª—O governo francês procedeu de forma bastante singular consentindo ou fingindo ignorar tal quebra do compromisso tomado pelos moscovitas espanhóis, pois semelhante procedimento é contrário a tôdas as regras e costumes do direito internacional.

... Verdade seja que continuam presas em França 600 pessoas que os vermelhos tinham a ferros e assim transportaram consigo, na sua fuga para aquêle país. E também ninguém percebe como é possível que um governo responsável reconheça «prisioneiros» de refugiados políticos—ou refugiados de guerra—e trate êsses «prisioneiros» como prisioneiros...

E é a França o país do «Direito», da «Justiça» e da «Lógica»! O que seria se o não fôsse!

Accções

Das Compañias de Pescarias compra Joaquim Matos, Fiscal dos Impostos—Tavira.

Bons impressos e carimbos a preços económicos, só na

TIPOGRAFIA SOCORRO

(Móvida a Electricidade)

TELEPHONE 53

VILA REAL DE SANTO ANTONIO

ALTE

Entre montes trigueiros que o sol doura,
nos adeuses sensuaes da despedida,
em seus vestidos brancos envolvida,
Alte, encantada princesinha moura,

junto á clara ribeira evocadora
que leva as águas da montanha á vida,
sente-se desejada, apeteecida,
como Menina que vai ser Senhora.

Na boca das cachopas, ao calor
do aroma das figueiras, a palavra
modela as formas do desejo em flor,

e em seus olhos de amêndoa vive a chama
desse incendio de amor que ainda lavra
nas terras do Algarve e da Moirama.

Gustavo de Matos Sequeira

Da linda plaquette «Aldeias Portuguezas», sonetos de Matos Sequeira e ilustrações de Paulo. Edição do S. P. N.

Prometer para faltar

A «Pravda» fornece interessantes pormenores que permitem afirmar, uma vez mais, que a apregoada reconstrução social não passa dum descaradissimo «bluff».

Assim, o programa para Moscovio, em 1938, previa a construção dos seguintes edificios: 12 jardins para crianças, 9 asilos infantis, 3 hospitais, 3 estabelecimentos balneares, 6 lavadouros.

Veamos, segundo aquêle grande órgão soviético, os resultados obtidos: Não se concluiu nenhum jardim, tendo-se iniciado apenas a construção de oito. Quanto aos asilos, a mesma coisa: nenhum pronto e muito deles ainda por começar. A respeito de hospitais, visto que se concluiu um. A respeito dos outros, nem sombra, que é como quem diz—nem pedra! Acabaram também um dos cinco estabelecimentos balneares anunciados e deram início aos trabalhos de dois lavadouros. O resto não passa de projectos... E é assim tôda a propaganda soviética: prometem muito para fazer pouco!

BANDA MUNICIPAL DE TAVIRA

Concerto de Domingo das 15 às 17 horas

I PARTE

Marcha	Galamba
Intermezzo Sinfónico	Manent
Morte d'Ase	E. Grieg
Sinfonia Incompleta	Schubert

II PARTE

Alma de Dios—Zarz.	Serrano
Mimi—Valsa	Pereira J.º
Mimoso—P. D.	P. Ribeiro

Regimento de Infantaria 4 Conselho Administrativo

ANUNCIO

Faz-se publico que no dia 21 do corrente mês pelas 14 horas na parada do quartel deste regimento, se procederá á venda em hasta pública, de seis cavalos que foram julgados incapazes para o serviço do Exercito.

Quartel em Tavira, 3 de Março de 1939.

O Secretário

José Martins Fangueiro

Alfêres do Q. S. A. E.

Pela Província

Concelção

Espectaculo—Realizou-se no passado dia 4 do corrente um espectáculo, promovido pela tournée Portuguesa «Madre Perola» da qual fazem parte os distintos artistas de Lisboa, Manuel Bragança, Fernanda Gorgete do Carmo, Alfredo Marques e Afonso Louro. O espectáculo que constou de dramas, comédias, quadras de revista, duetos e fados, agradou em geral, distinguindo-se a artista Fernanda do Carmo, e Manuel Bragança, nos quais foram muito aplaudidos tendo os seus numeros sido repetidos muitos dêles, o que faziam a plateia estar numa permanente gargalhada. O guitarrista Alfredo Marques, nas suas variações acompanhadas à viola por Afonso Louro, foram também muito aplaudidos revelou-se o sr. Manuel Bragança nos seus fados modernos com a sua admirável garganta sendo sempre bisado, e Afonso Louro nas suas cantigas humoristas.

—Consta-nos que brevemente voltará a este Club a mesma Tournée, o que fazemos votos.

Desastre—Encontra-se melhor a senhora Custodia Joaquina, mãe do nosso assinante sr. José António a qual em virtude de se ter voltado o carro fraturou um pé.—c.

Vila Nova de Cacela

Estrada da Corte—Está a fazer um mês que subiram ao ar alguns foguetes para anunciar da publicação no «Diário do Governo» da aprovação da obra de construção da estrada do Pocinho á Corte.

Veiu ordem, nessa ocasião, para serem tomados os nomes dos trabalhadores para o referido trabalho.

Fartos de esperar, muitos tiveram que ir procurar trabalho para outras paragens.

E por mais que indagamos, não ha meio de saber quando começarão os trabalhos.

Mau inverno teem passado os pobres desta freguezia.

Aniversario—No dia 2 dêste mês concluiu 52 anos, o nosso amigo e assinante sr. João Rodrigues da Conceição, conceituado comerciante desta vila.

Batisados—Na igreja parochial batisaram-se as meninas, Celeste e Célia Rijo, filhas do nosso amigo, sr. José Rijo, siderotécnico, estabelecido no sitio do Boraco.

Mictorio—Muito útil e moral seria que a Municipalidade de Vila Real de Santo Antonio mandasse colocar um no local onde diariamente se faz o mercado.

Evitar-se-iam exhibições pouco edificantes e melhoraria a hygiene.—c.

Registo Civil

Movimento demográfico do mês de Fevereiro:

Nascimentos, 42; Casamentos, 16 e Obitos, 35.

Anunciar no

«PoVo Algarvio»

é ter a certeza de exito

Bernardino M. Mateus

GENEROS ALIMENTICIOS DE 1.ª QUALIDADE

PERFUMARIAS, LOUÇAS, VIDROS
E ARTIGOS DE NOVIDADE

R. Alexandre Herculano, 2 e 4 -:- R. da Liberdade, 1 e 5

TAVIRA

Cunha & Dias, L.^{da}

8-RUA DA LIBERDADE-10
TAVIRA

Agencia da Tabaqueira
e da Fosforeira Portuguesa
Venda de tabaco e fosforos
aos melhores preços
Condições especiais
para revendedores

A COMPETIDORA

— DE —

José Augusto Neves

28, Praça da República, 29

TAVIRA

Tem sempre ótimos artigos de Lani-
fícios e Algodões aos melhores preços.

SERVIR BEM É O SEU CAMINHO!

Nesta época festiva recomenda-se a
V. Ex.^{sa} uma visita ao estabelecimento.

Paulino & Graça, L.^{da}

RUA JOSÉ PIRES PADINHA

TELEFONE N.º 41

TAVIRA

Os melhores
Artigos de Merceria
Excelentes
Chás e Cafés
Puro
Azeite do Alentejo
Lindas
Louças
Finos
Vidros
Bons
Talheres
Duráveis
Esmaltes e Ferros de engomar
Gostosa
Confetaria
Saboresos
Licores e Vinhos do Porto
Chique
Papel de Cartas
Variados
Brinquedos
Escolhida
Perfumaria das marcas—NALY,
BENAMOR, SANTA CLARA, TAI-
PAS, etc...
Sabonetes—Loções—Rouges
Batons—Pós de Arroz
Pastas Dentífricas
Cremes Dentífricos, etc...
Apreciáveis
Descontos aos Revendedores
Módicos
Preços

COMARCA DE TAVIRA

ANUNCIO

2.ª PUBLICAÇÃO

Faço saber que por este Juizo e terceira secção, correm editos de trinta dias a contar da segunda publicação deste anúncio, citando Domingos Maia, e sua mulher Ester Bento, êle construtor naval e ela domestica; Tomaz Maia, solteiro, maior, marítimo; Amadeu Maia mulher Dolores Cruzela, êle negociante e ela domestica; Gertrudes dos Reis, viuva, domestica; Romeu Reis; Beatriz Reis; Eduardo Reis; Rui Reis; e Julieta Reis, menores pobres, trabalhadores, êstes conjuntamente com sua mãe e avô, a dita Gertrudes dos Reis, todos ausentes em parte incerta da Africa Occidental, sendo o seu ultimo domicilio na Travessa das Cunhas, número onze desta cidade de Tavira, de que foi designado o dia catorze do próximo mês de Abril, por doze horas, no Tribunal Judicial desta Comarca, para se louvarem em peritos nos autos civis com processo especial de divisão de coisa comum em que é requerente Leopoldina Amelia Peres Padinha, viuva, proprietaria, residente nesta cidade de Tavira, nos termos e para os fins do disposto do artigo quarenta e seis paragrafo unico do decreto vinte e um mil duzentos e oitenta e sete e quinhentos sessenta e oito do Codigo do Processo Civil, podendo tambem de-

Venda de propriedade rústica

Vende-se o «Pomar do Pombo» no sitio da Asseca, freguesia de Santo Estevão, concelho de Tavira, pertencente aos herdeiros de José Pires de Jesus. Recebem-se propostas em carta fechada até às 12 horas do dia 26 do corrente mês de Março, na farmácia Aldomiro de Sousa, em Tavira. Podem também ser entregues ao solicitador Cordeiro Peres.

Vende-se

Uma casa no alto de S. Braz com armazem grande no rez de chão, quintal, palheiros, seis divisões no 1.º andar e armazem anexo.

Nesta redacção se informa.

duziram, no praso legal, a opposição que tiveram por conveniente, tudo conforme a petição inicial junta aos referidos autos.

Tavira, 28 de Fevereiro de 1939

O Chefe da 3.ª Secção, int.º

José Mateus Mendes

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

J. de Deus Pereira

ESCOLA

Comercial Portuguesa

POR CORRESPONDENCIA

Rua do Arsenal, 54-3.ª LISBOA

Fundada em 1930

e ao abrigo do Decreto 23.447

Habilitação garantida para

Guarda-livros

em 8, em 12 ou em 20 meses, conforme o tempo de que o aluno dispõe em cada dia, a sua idade, etc.

Quadro de Honra: alguns distintos alunos

N.º 24

Sr. Laurentino Pereira Brito, Filho—Porto.

Sr. José Maria Correia—Porto.
Sr. Antonio Fernandes J.º—
Moimenta da Serra.

Sr. Julio Santos Cruz—Matosinhos.

Sr. Antonio Pereira Rezende—
Nogueira da Regedoura.

(Iremos publicando mais nomes nos numeros seguintes.

Cursos de Escrituração, Contabilidade, Estenografia, Dactilografia, etc.

Peça grátis o nosso livro de propaganda que contem planos de estudo, programas dos diferentes cursos, tabelas de preços, muitas centenas de nomes e moradas de antigos alunos, de Lisboa, Porto, Provincias, Colónias e estrangeiro, etc.

Se lhe fôr possível recorte e envie-nos este anúncio.

Agente no Algarve: Para informações e matriculas, Sr. Alvaro Correia de Carvalho, Avenida da Republica, n.º 128, OLBHÃO.

Recordar é viver

Bento (alfaiate)

Ex-Oficial da casa João Carvalho (Espanhol), ao Chiado, «Ultimo Figurino», Lisboa

Confecções de fatos para senhoras pelos ultimos figurinos

Tendo como gerente técnica
M.^{me} Guilhermina Bento
Rua Roque Féria, 20

ou no próprio

Joaquim do Carmo Bento

TAVIRA

Sebastião do Nascimento Gonçalves

(Antigo empregado da
Casa José Viegas Mansinho)

RELOJOEIRO

Junto ao Mercado Municipal
R. José Pires Padinha

TAVIRA

Concertos, reparações e
limpeza de: Relógios, Ouro,
Prato, Joias, Grafonolas,
etc., etc.

Pelos preços mais módicos

O «Povo Algarvio» vende-se, em Tavira, na Tabacaria Santos.

Propagai os vossos produtos no semanário
- regionalista: POVO ALGARVIO -
o jornal de maior expansão da Província.

Drogaria Tavirense

DE

SOUSA ROSA & VICENTE, L.^{DA}

DROGAS e PRODUTOS QUIMICOS
Alcatrão, Pés louro, Qual-Tar, Sulfato de cobre e enxôfres
OLEOS, TINTAS, VERNISES e SECANTES

FERRAGENS NACIONAIS e ESTRANGEIRAS
FERRAMENTAS

ARTIGOS de BORRACHA
Tubos para irrigador, sacos para gêlo e agua quente

AGUAS MINERO-MEDICINAIS
Vidago, Melgaço, Pedras Salgadas, Castelo e outras

Perfumaria

Completo sortido das acreditadas marcas
NALY BENAMOR, SANTA CLARA, HARLESSE, TOKALON etc. etc.

Rua José Pires Padinha

TAVIRA

Aparelhos de T. S. F.
das melhores marcas
do mundo como sejam:

PONTO AZUL,
KÖRTING,
PAILLARD, etc., etc.

VENDE:

Francisco Padinha Raimundo

TAVIRA